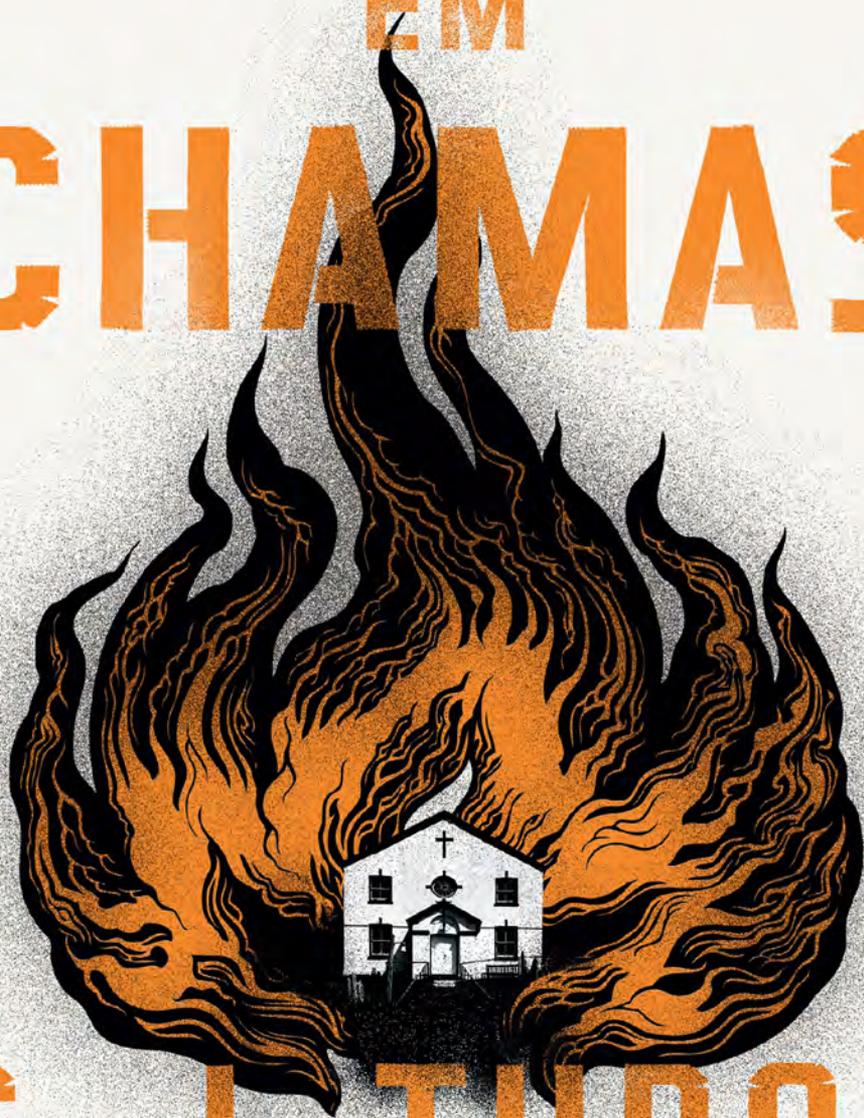


# GAROTAS

EM

# CHAMAS



intrinsic

# C. J. TUDOR

AUTORA DE O HOMEM DE GIZ

**GAROTAS  
EM  
CHAMAS**

**C. J. TUDOR**

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI



Copyright © 2021 C. J. Tudor

TÍTULO ORIGINAL  
The Burning Girls

PREPARAÇÃO  
Marcela Ramos

REVISÃO  
Júlia Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO  
Inês Coimbra

DESIGN DE CAPA  
Elena Giavaldi

IMAGENS DE CAPA  
Fogo: Marzufello/Shutterstock  
Igreja: cortesia da autora

ILUSTRAÇÕES, ADAPTAÇÃO DE CAPA E LETTERING  
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T827g

Tudor, C. J., 1972-

Garotas em chamas / C. J. Tudor ; tradução Regiane Winarski. - 1. ed.

- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2021.

352 p. ; 23 cm.

Tradução de: The burning girls  
ISBN: 978-65-5560-192-3

1. Romance inglês. I. Winarski, Regiane. II. Título.

21-68623

CDD: 823

CDU: 82-31(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2021]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

## GAROTAS EM CHAMAS

*Tirado da Wikipédia, a enciclopédia livre*

Bonecas de gravetos características do vilarejo *Chapel Croft*, em Sussex. As bonecas são feitas para homenagear os *Mártires de Sussex* — oito pessoas queimadas na fogueira durante a expurgação de *protestantes* (1553–58) da *rainha Mary*. Duas das mártires eram garotinhas. As *Garotas em Chamas* são incendiadas em uma cerimônia que acontece todos os anos no aniversário da perseguição.



*Que tipo de homem eu sou?*

Era uma pergunta que ele vinha se fazendo muitas vezes ultimamente.

*Sou um homem de Deus. Sou servo Dele. Faço a vontade Dele.*

Mas era suficiente?

Ele olhou para a casinha branca. Telhado vermelho, trepadeiras roxas subindo pelas paredes, banhada pelo sol esmaecido do fim do verão. Pássaros piavam nas árvores. Abelhas zumbiam preguiçosamente entre os arbustos.

*Aqui jaz o mal. Aqui, no mais inócuo dos ambientes.*

Ele andou lentamente pelo curto caminho. O medo gelava seu estômago. Parecia uma dor física, uma cólica nas entranhas. Estendeu a mão para a porta, que foi aberta antes que ele pudesse bater.

— Ah, graças a Deus. Agradeço ao Senhor pela sua presença.

A mãe se apoiou na soleira. O cabelo castanho escorrido grudado na cabeça. Os olhos muito vermelhos, e a pele cinzenta, cheia de rugas.

*É o que acontece quando Satanás entra na sua casa.*

Ele entrou. A casa fedia. Era um odor azedo, sujo. Como podia ter chegado àquele ponto? Ele olhou para a escada. A escuridão no alto parecia densa de malevolência. Ele apoiou a mão no corrimão. Suas pernas se recusaram a se mover. Ele apertou bem os olhos e respirou fundo.

— Padre?

*Sou um homem de Deus.*

— Me mostre.

Começou a subir. No alto, só havia três portas. Um garoto de rosto inexpressivo, usando uma camiseta manchada e um short, olhava de uma delas. Quando a figura de preto se aproximou, o garoto a fechou.

Ele abriu a porta ao lado. O calor e o odor o atingiram como se fossem uma entidade física. Ele tapou a boca e tentou não vomitar.

A cama estava manchada de sangue e outros fluidos. Havia cordas amarradas na cabeceira com as pontas soltas. No meio do colchão, um baú de couro aberto. Tiras grossas prendiam o conteúdo no lugar: um crucifixo pesado, uma Bíblia, água benta, pedaços de musselina.

Faltavam dois itens. Estavam no chão. Um bisturi e uma faca de serra comprida. Os dois ensanguentados. Ao lado havia uma poça de sangue, que mais parecia uma capa escura cor de rubi em volta do corpo.

Ele tentou engolir, a boca tão seca quanto os campos no verão.

— Meu Senhor... o que aconteceu aqui?

— Já falei. Já contei que o diabo...

— Chega!

Ele viu uma coisa na mesa de cabeceira. Foi até lá. Uma caixinha preta. Ficou observando o objeto por um momento e se virou para a mãe parada à porta. Ela retorceu as mãos e olhou para ele com uma expressão de súplica.

— O que nós vamos fazer?

*Nós.* Porque aquilo também era responsabilidade dele.

Ele olhou para o corpo ensanguentado e mutilado no chão.

*Que tipo de homem eu sou?*

— Pegue uns panos e água sanitária. Agora.

WELDON HERALD, QUINTA-FEIRA, 24 DE MAIO DE 1990

## GAROTAS DESAPARECIDAS

A polícia pede ajuda na busca de duas adolescentes de Sussex que estão desaparecidas: Merry Lane e Joy Harris. As duas, que supostamente fugiram juntas, têm quinze anos. Joy foi vista pela última vez num ponto de ônibus em Henfield na noite do dia 12 de maio. Merry desapareceu de casa, em Chapel Croft, uma semana depois, no dia 19, depois de deixar um bilhete.

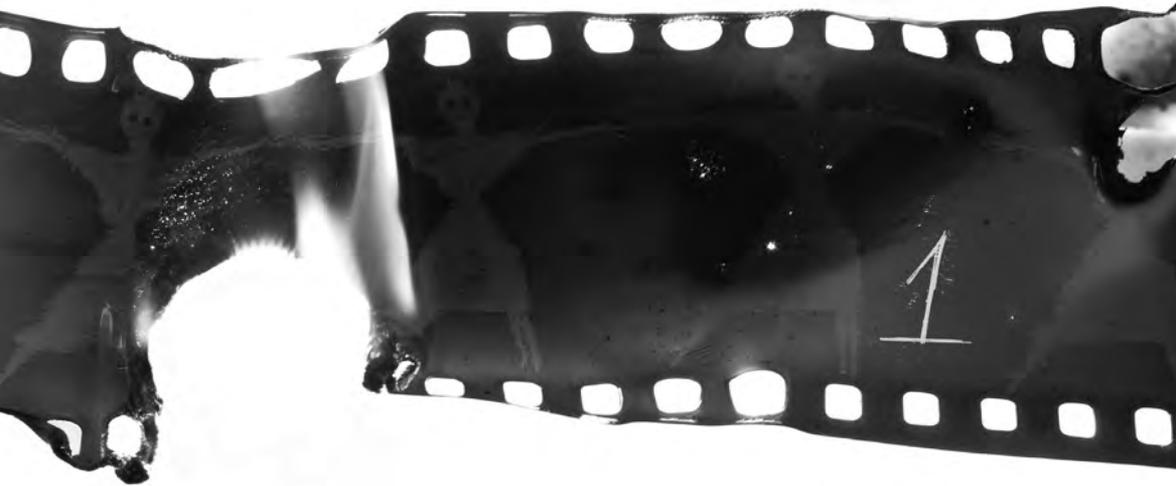
A polícia não está tratando o desaparecimento como suspeito, mas está preocupada com o bem-estar das garotas e pede que elas façam contato com a família.

“Vocês não vão ser punidas. Seus familiares estão preocupados. Só querem saber que vocês estão seguras e dizer que podem sempre voltar para casa.”

Joy é descrita como franzina, 1,65 metro de altura, com cabelo louro-claro comprido e feições delicadas. Foi vista pela última vez usando uma camiseta rosa, uma calça jeans desbotada e tênis Dunlop Green Flash.

Merry é descrita como magra, 1,70 metro de altura, com cabelo escuro e curto, e foi vista pela última vez usando um suéter cinza largo, calça jeans e tênis de lona pretos.

Quem as vir deve relatar o ocorrido à polícia de Weldon pelo número 01323 456723 ou ligar para o Crimestoppers no número 0800 555 111.



— É uma situação infeliz.

O bispo John Durkin sorri com benevolência.

Tenho quase certeza de que o bispo John Durkin faz tudo com benevolência, até cagar.

O bispo mais jovem a administrar a diocese de North Notts é um orador habilidoso, autor de vários textos teológicos aclamados e, se não tivesse ainda pelo menos tentado andar sobre a água, eu acharia impressionante.

Ele também é um cretino.

Eu sei. Os colegas dele sabem. A equipe dele sabe. Secretamente, acho que até ele mesmo sabe.

Infelizmente, ninguém vai falar nada para ele. Eu que não vou. Não hoje. Não com ele tendo nas mãos macias e com unhas bem cuidadas o meu emprego, a minha casa e o meu futuro.

— Uma coisa assim pode abalar a fé da comunidade — continua ele.

— A comunidade não está abalada. Está com raiva e triste. Mas não vou deixar que isso estrague tudo que conquistamos. Não vou abandonar as pessoas agora que elas mais precisam de mim.

— Mas precisam mesmo? A frequência está baixa. As aulas foram canceladas. Ouvei falar que os grupos de crianças talvez se mudem para outra igreja.

— A fita isolando a cena do crime e os policiais causam esse efeito. Nossa comunidade não tem nenhum apreço pela polícia.

— Eu entendo isso...

Não entende, não. O mais perto que Durkin chega da área mais pobre da cidade é quando o motorista pega a entrada errada no caminho para a academia particular dele.

— Estou confiante de que é temporário. Eu consigo reconstruir a confiança das pessoas.

Não acrescento que preciso fazer isso. Eu cometi um erro e preciso me redimir.

— Então agora você é capaz de fazer milagres? — Antes que eu possa responder ou argumentar, Durkin continua, tranquilamente: — Olha, Jack, sei que você fez o que achou melhor, mas você se envolveu demais.

Eu me encosto na cadeira, o corpo tenso, lutando contra o ímpeto de cruzar os braços feito uma criança pirracenta.

— Achei que era o nosso trabalho. Construir laços estreitos com a comunidade.

— Nosso trabalho é defender a reputação da Igreja. Estamos em tempos difíceis. Igrejas estão fracassando em toda parte. Tem cada vez menos gente frequentando. Nós temos uma batalha hercúlea mesmo sem essa publicidade negativa.

E é com isso que Durkin realmente se importa. Os jornais. Relações públicas. A Igreja não consegue divulgação positiva nem nas melhores condições, e eu fiz uma besteira das grandes. Tentei salvar uma garotinha, mas acabei condenando-a.

— E então? O senhor quer que eu me demita?

— De jeito nenhum. Seria um desperdício alguém do seu *calibre* sair. — Ele junta as mãos. Para valer. — E passaria uma imagem ruim. Seria como uma admissão de culpa. Nós temos que refletir muito bem sobre o que fazer agora.

Tenho certeza de que sim. Principalmente considerando que meu compromisso aqui foi ideia dele. Sou o bilhete premiado dele. E eu estava me saindo muito bem na função de fazer a igreja abandonada da região mais pobre da cidade criar laços novamente com a comunidade.

Até Ruby.

— O que o senhor sugere?

— Transferência. Um tempo em um lugar menos chamativo. Uma igreja pequena de Sussex ficou sem padre de repente. Chapel Croft. Enquanto escolhem quem vai substituí-lo, estão precisando de alguém para o trabalho interino lá.

Eu olho para ele, sentindo o chão tremer.

— Sinto muito, mas não vai ser possível. Minha filha vai fazer os exames do ensino médio ano que vem. Não posso simplesmente levá-la para o outro lado do país.

— Eu já combinei a transferência com o bispo Gordon, da diocese de Weldon.

— O senhor fez *o quê?* *Como?* O posto foi anunciado? Deve haver um candidato local mais adequado...

Ele balança a mão, me interrompendo.

— Nós estávamos conversando. Seu nome surgiu. Ele mencionou a vaga. Foi destino.

Quando se trata de fazer os outros de marionete, Durkin é o próprio Gepeto.

— Tente ver o lado positivo — diz ele. — É uma parte linda do país. Ar fresco, campos abertos. A comunidade é pequena e segura. Pode ser bom para você e para Flo.

— Acho que eu sei o que é melhor para mim e para a minha filha. A resposta é não.

— Então terei que ser direto, Jack. — Ele me encarou. — Isso não é a porra de um pedido.

Existe um motivo para Durkin ser o bispo mais jovem a administrar a diocese, e esse motivo não tem nada a ver com benevolência.

Eu fecho os punhos no colo.

— Entendido.

— Excelente. Você começa semana que vem. Coloque as galochas na mala.

No novo *thriller* perturbador e explosivo da autora de *O Homem de Giz*, uma vigária precisa exorcizar o passado sombrio de um vilarejo assombrado pela morte

Há muito tempo uma história sinistra é contada na pequena Chapel Croft. Cinco séculos atrás, mártires protestantes foram traídos, e então queimados. Trinta anos atrás, duas adolescentes desapareceram sem deixar vestígios. E há algumas semanas, o responsável pela paróquia local se enforcou na nave da igreja.

A reverenda Jack Brooks, mãe solteira de uma jovem de quatorze anos, chega a esse vilarejo em busca de um recomeço. Em vez disso, encontra um lugar tomado por conspirações e segredos, e é recebida com um estranho pacote de boas-vindas: um kit de exorcismo e um bilhete: *Não há nada escondido que não venha a ser descoberto.*

Quanto mais Jack e sua filha, Flo, exploram a cidadezinha e conhecem seus estranhos moradores, mais as duas se aprofundam em feridas antigas, mistérios e suspeitas. E, quando Flo começa a ver meninas ardendo em chamas, fica evidente que há fantasmas por ali que se recusam a descansar em paz.

Neste *thriller* macabro e cheio de reviravoltas, no qual nem todo mundo é quem parece ser, C. J. Tudor mostra mais uma vez por que é uma das vozes mais originais da literatura contemporânea.

**SAIBA MAIS EM:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1028/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1028/)

